

PROGRESSO E HISTÓRIA: ANÁLISE CRÍTICA DA CONCEPÇÃO OTIMISTA

Brena Santos Lima¹⁰⁷

Resumo: O artigo tem por objetivo realizar uma análise do conceito de progresso moderno e apresentar a crítica contemporânea de Adorno ao progresso estritamente positivo, como apresentado por Condorcet. A temática central consiste em refletir sobre as concepções de progresso não apenas sob uma perspectiva otimista, mas também à luz da crítica filosófica que questiona essa perspectiva. Pretende-se, assim, contribuir para uma reflexão crítica sobre o conceito de progresso humano, mostrando que o avanço na história pode ser questionado e refletido. A partir de uma metodologia hermenêutica de interpretação de textos, o artigo coloca em diálogo as ideias de Condorcet, Rousseau e Adorno, buscando evidenciar a complexidade da perfectibilidade humana e do otimismo ingênuo frente ao desenvolvimento científico e técnico. Para realizar esse objetivo são utilizadas como referência as obras: *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*, de Condorcet; *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, de Rousseau; e *O progresso*, de Adorno.

Palavras-chave: Progresso; Perfectibilidade; Crítica; História.

Abstract: The article aims to analyze the concept of human progress and to present Adorno's contemporary critique of the strictly positive view of progress as presented by Condorcet. The central theme is to reflect on conceptions of progress not only from an optimistic perspective, but also in light of the philosophical critique that questions the optimism inherent in this ideal. The intention is, therefore, to contribute to a critical reflection on the concept of human progress, showing that historical advancement can and should be questioned and reflected upon. Based on a hermeneutic methodology of text interpretation, the article brings into dialogue the ideas of Condorcet, Rousseau, and Adorno, seeking to highlight the complexity of human perfectibility and the naïve optimism toward scientific and technical development. The following works are used as references: *Sketch for a Historical Picture of the Progress of the*

¹⁰⁷ Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia. E-mail: brenna258@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-0268-9350>.

Human Mind by Condorcet; *Discourse on the Origin and Foundations of Inequality Among Men* by Rousseau; and *Progress* by Adorno.

Keywords: Progress; Perfectibility; Critique; History.

Introdução

O artigo tem por objetivo realizar uma análise do conceito de progresso moderno e apresentar a crítica contemporânea de Theodor Adorno a esse conceito. A temática central consiste em refletir sobre as concepções de progresso não apenas sob uma perspectiva otimista, mas também à luz da crítica filosófica que questiona essa perspectiva. A partir da metodologia hermenêutica busca-se fazer uma interpretação ativa do texto, colocando em diálogo diferentes formas de compreender o aperfeiçoamento na história.

Na primeira parte do artigo, apresento o conceito de perfectibilidade em dois filósofos iluministas com concepções distintas sobre o tema. Em Condorcet, a perfectibilidade é essencial para o desenvolvimento do espírito humano, enquanto Rousseau apresenta uma análise crítica do aperfeiçoamento humano. É válido destacar que as duas formas de conceber o conceito se assemelham em relação à definição, mas diferenciam quanto às consequências do aperfeiçoamento das faculdades racionais. Na segunda parte, busca-se evidenciar a complexidade do progresso humano e os limites de um otimismo ingênuo diante do desenvolvimento instrumental, que resultou em diversas barbáries, tais como o Holocausto, as guerras e o fetichismo.

Condorcet integra o período iluminista e fundamenta suas obras nos ideais de desenvolvimento social, político e moral da humanidade. Tais ideias estão presentes na obra *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*, como resultado do avanço humano. Essa obra é dividida em dez períodos diferentes do desenvolvimento humano. No último período, Condorcet destaca esperanças para o avanço da espécie humana, a saber: “a destruição da desigualdade entre as nações; os progressos da igualdade em um mesmo povo; e, por fim, o aperfeiçoamento real do homem” (Condorcet, 2013, p. 189). Rousseau também faz parte do período iluminista, mas, diferentemente de Condorcet, ele é descrente sobre o progresso da humanidade proporcionar virtudes e felicidades. Na obra *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, Rousseau destaca que o aperfeiçoamento possibilita o desenvolvimento do homem, mas, ao mesmo tempo, gera um processo de degeneração.

Por último, pretendo ampliar a análise crítica acerca do desenvolvimento humano para além das críticas de Rousseau ao aperfeiçoamento, para isso, utilizarei a obra *Dialética do esclarecimento* de Theodor Adorno e Max Horkheimer e o *Progresso* de Theodor Adorno. O filósofo da escola de Frankfurt foi marcado por contexto turbulento na história, tais como: a ascensão do nazismo, a Segunda Guerra Mundial, o Holocausto e o crescente impacto da industrialização no mundo. Esses eventos marcaram decisivamente sua crítica ao progresso da razão guiada para a felicidade. Sendo assim, a contribuição deste artigo é oferecer uma reflexão crítica sobre o aprimoramento humano, mostrando que o avanço na história pode ser questionado e refletido.

O desenvolvimento da perfectibilidade em Rousseau e Condorcet

A obra *Esboço*, do marquês de Condorcet, foi escrita a partir de uma perspectiva esperançosa em relação à capacidade humana de progredir. No mesmo período histórico, a obra *Discurso*, de Jean-Jacques Rousseau, apresenta uma descrença quanto à possibilidade de o aperfeiçoamento humano progredir rumo à moralidade e à felicidade. O filósofo genebrino argumenta que a capacidade de aperfeiçoamento, que desenvolve as faculdades racionais e sensíveis, também é um processo de degeneração humana.

No *Esboço*, a análise do progresso envolve as concepções de perfectibilidade, história, linearidade e cumulatividade. Antes de Condorcet, Rousseau já havia empreendido uma investigação acerca da capacidade humana de aperfeiçoamento, mas argumenta que a civilização afasta o homem de seu estado de origem, causando sua degeneração. Em termos de comparação, Rousseau foi um pessimista acerca do aprimoramento das faculdades racionais, enquanto Condorcet foi um otimista em relação ao aperfeiçoamento da razão.

No entanto, é possível traçar algumas semelhanças e diferenças entre os dois projetos filosóficos. Rousseau desenvolve suas análises concentradas na origem do homem em estado de natureza, ou seja, anterior à formação de um Estado. No estado de natureza, o homem é harmonioso e livre, guiado principalmente pelos sentidos, mas à medida que se aperfeiçoa surgem “corrupções” como a ganância e a desigualdade provocada pela propriedade privada. Convém destacar que Rousseau não nega o progresso na história humana, mas questiona se o aperfeiçoamento realmente torna a humanidade melhor ou a leva à decadência.

Diferentemente de seu antecessor, Condorcet adota uma visão positiva ao defender que o aperfeiçoamento é contínuo — social, político, moral e intelectual — e que levaria à virtude

e à felicidade humana. Em outras palavras, o autor descreve o percurso da humanidade como uma caminhada orientada em direção à virtude e à felicidade, como o filósofo destaca no seguinte trecho:

Por quais elos a natureza uniu indissolúvelmente os progressos das luzes e aqueles da virtude, do respeito pelos direitos naturais e da felicidade; com esses bens reais [...] A partir do momento em que essa revolução já tiver sido operada na classe inteira dos homens esclarecidos, entre eles só contaríamos homens amigos da humanidade, ocupados de comum acordo em acelerar seus progressos e sua felicidade. (Condorcet, 2013, p. 26)

Condorcet busca expressar, neste trecho, que a história da humanidade está ligada de forma indissolúvel ao avanço da razão e do conhecimento, bem como aos ideais de liberdade e virtudes. Esses são, para o autor, os requisitos para o aperfeiçoamento humano e para a felicidade. Desse modo, à medida que a razão avança na história, desenvolvem-se também as virtudes, o respeito pelos direitos naturais e a felicidade. Como destacado anteriormente, nem todos os pensadores argumentaram em favor de um sentido positivo para o esclarecimento humano como Condorcet. Autores como Adorno e Rousseau argumentaram contra o otimismo dos ideais de progresso.

Deve-se pontuar que, em Rousseau, o conceito de perfectibilidade não é diretamente relacionado à história em sentido universal do termo, mas no sentido de desenvolvimento da espécie humana, tanto sensível quanto racional. O conceito é utilizado por Rousseau como característica distintiva entre o homem e o animal. Ou seja, o aperfeiçoamento é uma característica propriamente humana, sendo os animais imutáveis em termos de progresso. Segundo Rousseau, no *Discurso*:

A faculdade de aperfeiçoar-se; faculdade essa que, com a ajuda das circunstâncias desenvolve sucessivamente todas as outras, e reside, entre nós, tanto na espécie quanto no indivíduo ao passo que o animal é, ao cabo de alguns meses, o que será por toda a sua vida, e sua espécie, ao cabo de mil anos, o que era o primeiro anos desses mil anos. Não será porque volta, assim, ao seu estado primitivo e enquanto a besta, que nada adquiriu e também nada tem de bom a perder, fica sempre com seu instinto – o homem, tornando a perder, pela velhice ou por outros acidentes, tudo o que sua perfectibilidade lhe fizera adquirir, volta a cair, desse modo, mais baixo do que a própria besta? (Rousseau, 2002, p. 174)

Nessa passagem, Rousseau apresenta a definição de perfectibilidade como capacidade humana de desenvolver-se sucessivamente, depois destaca que a perfectibilidade é uma qualidade distintiva entre os homens e os animais. Além disso, para Rousseau, a capacidade de aperfeiçoamento tira os homens da condição originária, na qual a tranquilidade e inocência predominavam; e é também ela que, com o passar dos séculos, faz florescer novos conhecimentos e vícios.

A perfectibilidade não possui um sentido definitivo, visto que o aperfeiçoamento pode ocorrer tanto para o bem quanto para o mal. O aperfeiçoamento humano pode acarretar o avanço da humanidade, em termos de desenvolvimento das habilidades racionais, mas também a degeneração do homem por meio da competitividade pela propriedade, obsessão por poder e por vícios. Segundo Maria Nascimento, “o final do segundo (*Discurso* de Rousseau) são incisivos: a desigualdade entre os homens tira sua força e seu crescimento exatamente do progresso do espírito humano” (Nascimento, 2013, p. 14). Nesse sentido, quanto mais a humanidade se aperfeiçoa mais se distancia da sua essência natural. Segundo Rousseau, a partir do progresso do espírito humano surgiu a noção de propriedade privada, o que afastou cada vez mais o homem de sua essência natural.

Após analisar a perfectibilidade em Rousseau, convém destacar que, embora Condorcet tenha se apropriado desse termo, atribui-lhe um sentido distinto, principalmente, como já comentado, em relação às consequências. As principais diferenças são o sentido sempre positivo do termo; a progressividade do aperfeiçoamento humano; acumulação de conhecimento ao longo do tempo e o avanço em direção a virtudes e a felicidade. Além disso, o filósofo marquês entende a progressividade não apenas em termos de desenvolvimento individual, mas também em termos de avanço da história da humanidade.

Se considerarmos este mesmo desenvolvimento em seus resultados, relativamente aos indivíduos que existem na mesma época em um dado espaço, e se o seguimos de gerações em gerações, ele apresenta agora o quadro dos progressos do espírito humano. Este progresso está submetido às mesmas leis gerais que se observam no desenvolvimento individual de nossas faculdades, já que ele é o resultado deste desenvolvimento, considerado ao mesmo tempo em um grande número de indivíduos reunidos em sociedades (Condorcet, 2013, p. 20, grifo meu).

O progresso do espírito humano é entendido como uma evolução coletiva. Da mesma forma, que cada indivíduo desenvolve suas faculdades, as sociedades progredem com o passar das gerações. Segundo a passagem, o aprimoramento coletivo segue as mesmas leis do desenvolvimento individual, exemplos dessas leis são: a comunicação entre os indivíduos e a construções de invenções, como aperfeiçoamento de utensílios de trabalho (Condorcet, 2013, p. 20). É por meio da comunicação que a sociedade acelera o progresso, porque ele é resultado da soma dos indivíduos desenvolvendo suas faculdades dentro do contexto da vida em sociedade.

Segundo Condorcet, “os progressos dessas artes teriam sido lentos nas nações isoladas; mas as comunicações, mesmo frágeis, que se estabeleceram entre elas, aceleraram sua marcha”. (Condorcet, 2013, p. 51). Nessa passagem, ele refere-se ao aperfeiçoamento do material de

trabalho, por exemplo, na sociedade primitiva o trabalho era executado através de pedra, madeira e ossos de animais e, ao longo do tempo, essa sociedade primitiva juntou essa arte com as artes mais difíceis da tintura, da cerâmica e do trabalho em metais. Nessa forma, a história da humanidade pode ser entendida como um processo contínuo de aperfeiçoamento das capacidades humanas.

Nos trechos anteriores é chamado de progressividade a cumulatividade dos conhecimentos e a transmissão a outros povos. Como expresso neste trecho:

Mas o resultado que cada instante apresenta depende daquele que os instantes precedentes ofereciam; ele influi naquele dos instantes que devem segui-lo. [...] Ele deve apresentar **a ordem dessas mudanças**, expor a influencia que cada instante exerce naquele que o substitui e mostrar, assim, nas modificações que a espécie humana recebeu, sendo renovado sem cessar no meio da imensidão dos séculos, a marcha que ela seguiu, os passos que ela deu em direção à verdade ou à felicidade. (Condorcet, 2013, p. 20, grifo meu)

Nesta passagem, o filósofo expressa que o desenvolvimento da espécie humana é um processo ordenado de mudanças. Ao se referir à “ordem dessas mudanças”, ele entende que os acontecimentos seguem uma sucessão, onde eventos anteriores influenciam eventos futuros em uma cadeia ininterrupta. Ou seja, os momentos históricos não surgem do nada, pois um acontecimento é consequência do anterior e exerce influência sobre os que virão. Ao afirmar que a marcha seguida pela espécie humana a conduz rumo à verdade ou à felicidade, Condorcet ressalta a ideia de que a humanidade segue em um processo contínuo de progresso. Assim, ele propõe uma visão histórica na qual os acontecimentos caminham, de forma gradual, em direção à verdade ou à felicidade.

Para destacar o crescimento acumulativo do conhecimento na história da humanidade, Condorcet utiliza métodos matemáticos, como a estatística, para compreender a progressividade da história. Segundo Rossano Pecoraro, “A grande inovação de Condorcet consiste na tentativa de aplicar modelos matemáticos à ciência histórica, à política e à moral, a fim de individuar ‘constantes’ capazes de explicar um mundo sujeito a variações imprevisíveis.” (Pecoraro, 2009, p. 18). Em outras palavras, mesmo que as ações humanas sejam imprevisíveis e variáveis, o método matemático possibilita identificar “constantes” que podem transformar o estudo da história do progresso humano em algo previsível. Dessa forma, o cálculo probabilístico serve para analisar dados e encontrar tendências históricas, a fim de fazer previsões prováveis sobre o futuro.

A partir da marcha contínua da espécie humana é possível prever o futuro. Condorcet argumenta que a história revela padrões de avanços que indicam uma continuidade na história

e permite vislumbrar o futuro. No capítulo, intitulado *Dos futuros progressos do espírito humano*, Condorcet destaca esperanças para o futuro a partir do avanço dos homens.

A partir da experiência do passado, prever com uma grande probabilidade os acontecimentos do futuro (...). Nessas esperanças sobre o destino futuros da espécie humana podem se reduzir a estas três questões: a destruição da desigualdade entre as nações; os progressos da igualdade em um mesmo povo; enfim, o aperfeiçoamento real do homem (Condorcet, 2013, p. 189)

Condorcet cita três esperanças sobre o destino da espécie humana, que serão alcançadas por meio do aperfeiçoamento. As esperanças se referem à destruição da desigualdade entre os homens; à igualdade entre os povos e; ao aperfeiçoamento real do homem. Percebe-se que as três esperanças estão conectadas e apenas por meio do aperfeiçoamento real é possível transformar as sociedades para destruir a desigualdade entre as nações e existir igualdade entre os povos. Ademais, essas esperanças citadas por Condorcet revelam o otimismo do filósofo que a humanidade possa se transformar por meio do progresso.

Em seguida, Condorcet argumenta que o desenvolvimento das faculdades humanas permite a construção de uma vida melhor. Segundo o marquês, “pelo desenvolvimento de suas faculdades, obter meios seguros de prover às suas necessidades; em que, enfim, a estupidez e a miséria serão apenas acidentais, e não o estado habitual de uma parte da sociedade?” (Condorcet, 2013, p. 190). Essa pergunta reflete o cerne da ideia do último período do *Esboço*, a saber, a crença de que a humanidade pode alcançar estágios superiores de avanço moral e intelectual. Sendo assim, isso resultaria em pessoas guiadas pela própria razão e em um estágio no qual a ignorância e a miséria não seriam condições normais de vida.

Em outra passagem, o francês destaca: “os povos esclarecidos e livres, não são de forma alguma uma degenerescência da espécie humana (...) longe de corromper os homens, as luzes suavizaram os vícios, quando não puderam corrigi-los ou mudá-los.” (Condorcet, 2013, p. 42). Nesse sentido, em vez do esclarecimento provocar decadência moral, como citado por Rousseau, o saber é apresentado pelo francês como um suavizador dos vícios. Isto é, como um meio necessário na marcha gradual do aperfeiçoamento humano rumo ao desenvolvimento do espírito.

Para Condorcet, o estado de aperfeiçoamento de uma época ou de um povo influencia o desenvolvimento daquelas que estão por vir. Segundo o marquês, “recebendo luzes de um povo mais esclarecido para transmiti-las a outras nações, formam uma cadeia ininterrupta entre o começo dos tempos históricos e o século em que vivemos” (Condorcet, 2013, p. 24). Mesmo com a existência de percalços como guerras, que normalmente representam estagnação e

descontinuidades, o marquês argumenta que a finalidade da história é preservada. Para Condorcet, a história segue um processo ininterrupto no qual cada momento exerce influência sobre subsequente. Nesse sentido, as luzes (os conhecimentos) de um povo esclarecido são transmitidas a outras em um processo acumulativo de conhecimento.

O otimismo em relação ao progresso da razão, empreendido pelo marquês, é alvo de críticas na contemporaneidade, principalmente diante de tragédias como guerras, desastres ambientais e entre outras. A grande pergunta por trás disso é se estamos nos aproximando do cenário descrito por Condorcet — de igualdade, aperfeiçoamento real e liberdade da estupidez e da miséria — ou se esse cenário ainda permanece como uma utopia. É possível destacar que Adorno aprofundou as críticas ao otimismo do progresso humano, desenvolvido principalmente no período moderno. O filósofo alemão pontua um processo de racionalização que, ao invés de emancipar, converte-se em novas formas de dominação; nesse sentido, esse é o centro da crítica de Adorno ao progresso da razão instrumental.

Análise crítica da concepção de progresso

Diversas críticas pós-modernas foram feitas ao desenvolvimento ininterrupto da história humana, entre elas é possível encontrar as críticas de Adorno, Benjamin, Nietzsche e outros filósofos. Pretendo, nesta seção, concentrar-me nas críticas que Adorno fez aos ideais de avanço na história guiada por finalidades morais. Rousseau já havia questionado o avanço das artes, das ciências e da civilização, que longe de proporcionar melhoria na vida humana, corrompe os costumes, gera desigualdade e afasta o homem de sua natureza original. Assim, essa seção visa aprofundar a crítica ao avanço em sentido estritamente positivo, acrescentando reflexões contemporâneas ao desenvolvimento humano.

Na obra *Progresso*, Adorno reflete sobre uma postura crítica diante do conceito de aprimoramento histórico desenvolvido principalmente no período iluminista. Para o filósofo, “Como todo termo filosófico, o de progresso tem seus equívocos. (...) Sabe-se de maneira vaga, mas segura o que agora se pode conceber por progresso: por isso mesmo não há como não empregar o conceito de modo grosseiro” (Adorno, 1969, p. 217). Neste trecho, Adorno argumenta que o termo “progresso” deve ser utilizado com cautela, visto que a investigação desse conceito precisa englobar suas condições e seus limites.

O conceito de progresso deve ser dialético. Para Adorno, as tentativas de conceituação desse termo devem evitar armadilhas de definições conclusivas; ou seja, seu sentido deve estar

aberto à construção e à negação. Com base na dialética negativa, Adorno defende uma análise mais profunda do conceito, pois a definição do termo deve possibilitar a identificação das contradições e análise do presente. Segundo Adorno, “a tendência rompedora do desenvolvimento não se reduz a ser outro do movimento expansivo da dominação da natureza, sua negação abstrata, mas pela própria dominação da natureza suscita o desenvolvimento da dominação.” (Adorno, 1969, p. 226). Dessa forma, o aprimoramento técnico e científico, em vez de libertar o ser humano, reforça a dominação — como a lógica capitalista, o fetichismo e a indústria cultural — que são produtos de uma razão aperfeiçoada e instrumentalizada.

Diferente de Rousseau, que criticava o aperfeiçoamento como algo que corrompe os costumes e acentua as desigualdades sociais, Adorno amplia ao mostrar como o progresso se tornou instrumento de dominação e alienação. Para Adorno, as reflexões sobre a história da humanidade devem culminar nas considerações acerca da instrumentação das relações humanas e em reflexões para evitar catástrofes. “É sobre isso que repousa inteira a possibilidade do progresso, a possibilidade de afastar o desastre extremo, total”. (Adorno, 1969, p. 218). Logo, o verdadeiro avanço da humanidade reside, para o filósofo, na capacidade de evitar futuras catástrofes.

Os ideais de avanço histórico em Adorno tomam um sentido diferente do apresentado na seção anterior, visto que, para o alemão, o verdadeiro desenvolvimento reside na capacidade humana de evitar futuras catástrofes. Segundo o filósofo, “somente são verdadeiras aquelas reflexões sobre o progresso que mergulham nele sem deixar de manter distância, que evitam os fatos e significados pontuais paralisadores. Hoje reflexões desse tipo culminam na consideração sobre a humanidade logrará evitar catástrofe” (Adorno, 1969, p. 218). Sendo assim, o verdadeiro crescimento histórico reside em uma postura crítica e consciente. As reflexões sobre o desenvolvimento humano devem considerar os acontecimentos passados e presentes para evitar catástrofes.

Diferente dos iluministas, como Condorcet, que associam o aperfeiçoamento ao avanço contínuo da ciência e da razão, Adorno argumenta que a razão moderna está acompanhada do mito do esclarecimento. No livro, *Dialética do esclarecimento* Adorno e Horkheimer citam o exemplo do Holocausto que foi um ato tecnicamente planejado e executado por uma sociedade altamente desenvolvida tecnicamente e cientificamente. O exemplo do Holocausto serve para identificar que nem sempre o avanço científico e técnico acompanha o desenvolvimento moral e ético.

Adorno argumenta em defesa de uma concepção mais crítica do conceito de progresso. Segundo ele, “progresso significa: **Sair do encantamento**, também daquele progresso que é ele mesmo natureza por uma humanidade cônica da sua própria natureza, através da qual prossegue a da própria natureza. Nessa medida se poderia dizer que o progresso se dá ponto em que termina.” (Adorno, 1969, p. 225, grifo meu). Nesse sentido, o verdadeiro desenvolvimento da humanidade começa na saída do “encantamento” quando passa refletir sobre as consequências do aprimoramento técnico e científico.

O esclarecimento é, para humanidade, a busca incessante de racionalização científica e técnica, resgatando os homens do pensamento mítico. Desse modo, escrevem Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*: “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 19). Nesse trecho é possível extrair que o avanço do pensamento reside na pretensão em desmistificar o mundo. No entanto, segundo Adorno e Horkheimer, o esclarecimento se converte em mito racionalizado.

Adorno e Horkheimer utilizam o termo “desencantamento do mundo¹⁰⁸” na obra *Dialética do Esclarecimento* para sinalizar um processo histórico de desmistificação do mundo, mas que, em vez de libertar os homens do mito, acabou se convertendo em um novo mito. Para exemplificar o desencantamento, os autores recorrem ao mito da *Odisseia* de Homero. Adorno e Horkheimer analisam, em Ulisses, o arquétipo do homem moderno, que utiliza a razão para controlar a natureza, enquanto a tripulação representa a massa trabalhadora, executando tarefas mecânicas e suprimindo a criatividade e a liberdade.

Paradoxalmente, a modernidade instrumentalizada, para os autores, estabeleceu formas camufladas de dominação. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder (desencantamento/aumento de conhecimento) é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder (Adorno; Horkheimer, 1985) Um exemplo disso é a indústria cultural, que proporciona acesso à cultura, mas não estimula a reflexão crítica. Nesse sentido, a indústria cultural, em vez de promover autonomia, perpetua a conformidade.

A partir dos exemplos citados é possível observar que a “saída do encantamento” é um processo histórico de desmistificação, mas que ignora análises críticas sobre si mesmo. Adorno

¹⁰⁸ O termo “desencantamento” foi cunhado por Max Weber na obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Por esse termo, Weber se refere ao processo de racionalização crescente nas sociedades ocidentais modernas, em que explicações baseadas em mitos, religiões e os acontecimentos passam a ser explicados pela razão, pela ciência e pela burocracia. Para Weber, isso tem consequências éticas negativas como a burocratização das relações humanas.

argumenta que uma teoria séria sobre a história não pode ignorar as críticas feitas a ela. Pelo contrário, é preciso incorporar as críticas para evitar que a crença no desenvolvimento humano se torne uma mitologia cega.

Da mesma forma **uma teoria do progresso precisa assimilar o que é acertado nas investidas contra a crença no progresso, como antídoto para a mitologia de que sofre**. De modo algum caberia a uma doutrina adulta do progresso nega-se a reconhecer a existência de uma doutrina trivial. (Adorno, 1969, p. 228, grifo meu)

Nesse trecho, Adorno argumenta que, para o aprimoramento não cair em ilusões mitológicas, como a crença no avanço histórico inevitável, é preciso reconhecer as críticas feitas aos ideais de progressividade inevitável na história. No trecho da citação, “uma teoria do progresso precisa assimilar o que é acertado nas investidas contra a crença no progresso”, é destacado que a definição do conceito de progresso precisa assimilar reflexões críticas sobre o desenvolvimento humano para não se converter em mitologia (crença irrefletida). Assim, as novas teorias precisam incorporar a crítica acerca do avanço tecnológico que levou à guerra e à dominação, esses aspectos não podem ser ignorados.

Portanto, na análise pós-moderna de Adorno, a história do aperfeiçoamento humano deve ser analisada a partir de suas contradições internas, isto é, da reflexão sobre seu próprio sentido, e deve incorporar críticas ao processo de racionalização. Diferente de teorias modernas como Condorcet, Adorno destaca que a história pode regredir, por exemplo, desmatamento, totalitarismo, guerras, que sinalizam descontinuidade do desenvolvimento racional e moral. Em *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer argumentam que a razão instrumental, longe de levar ao crescimento moral, é usada para dominar e controlar.

Considerações finais

O objetivo do presente artigo foi realizar uma análise crítica do avanço histórico, tendo em vista as esperanças de Condorcet para o futuro; a origem da desigualdade para Rousseau e as críticas contemporâneas de Adorno ao desenvolvimento humano concebido de forma estritamente positiva. A temática norteadora foi compreender o conceito de progresso não apenas sob uma ótica otimista e esperançosa, mas também à luz de análises críticas contemporâneas, que questionam a ideia de um desenvolvimento histórico guiado por finalidades morais. Para responder a essa problemática, analisei diferentes concepções de desenvolvimento histórico, considerando tanto uma perspectiva de esperança quanto uma abordagem crítica e reflexiva. Em outras palavras, a história humana pode ser interpretada como

um caminho de esperança para o futuro da humanidade, mas também como um processo de degeneração do ser humano ou como objeto de uma reflexão crítica sobre os rumos do desenvolvimento.

Sendo assim, buscou-se, em Condorcet e Rousseau, no conceito de perfectibilidade, a ideia de aperfeiçoamento racional que culmina no crescimento humano ou na degeneração humana. Condorcet enxerga na perfectibilidade como motor de um aprimoramento contínuo e necessário, que levaria à humanidade a estágios cada vez mais elevados de razão e moralidade, enquanto Rousseau destaca os riscos de uma civilização que se afasta de sua natureza original, resultando em desigualdade e “corrupção”. Em consonância com Rousseau, destacam-se as críticas de Adorno, que intensificam esse debate ao desconstruir a crença em uma progressão necessária, linear e inevitavelmente guiada por propósitos morais.

Conclui-se, neste artigo, que o avanço técnico e científico, do ponto de vista de Adorno, não garante a superação da barbárie e da alienação; ao contrário, quando não submetido à crítica, pode reforçar tragédias. Portanto, o aprimoramento científico deve ser capaz de reconhecer os limites da razão instrumental para não se converter em mito. Assim, o verdadeiro crescimento racional está em pensar um aperfeiçoamento que não apenas acumule saberes, mas também promova uma sociedade mais justa e consciente.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

ADORNO, T. W. **Progresso**. Trad. de Gabriel Cohn. 2ª edição. 1969.

CONDORCET. **Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano**. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

NASCIMENTO, M. G. **Apresentação**. In: Condorcet, *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*. 2ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

PECORARO, R. **Filosofia da história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ROUSSEAU, J-J. **Discurso sobre as ciências e as artes/Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens**. Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.